

BeCool 50

A black and white portrait of Emily Ratajkowski. She is looking directly at the camera with a serious expression. Her dark hair is styled in loose waves. She is wearing a black choker, multiple necklaces with various pendants, and several rings on her fingers. Her hands are positioned near her chest. She is wearing a white garment that is partially visible at the bottom of the frame.

+

Vamos falar
sobre gênero?

Kez Margrie:
“Nunca recebi
reclamações de
crianças”

Emily Ratajkowski



RevistaBecool



@becoolmagazine

BeCool

BeCool

SEÇÕES E COLUNAS

4 | CARTA AOS LEITORES

5 | MULHERES QUE AMAMOS

Kristen Bell

6 | SETLIST

Pra engolir a derrota

7 | ROTEIRO SP

Novembro de 2016

44 | CRÔNICA

Ah... O Biquíni

45 | REFOGADO

O que fazem aqui?

46 | CHARGE

MATÉRIAS

8 | VAMOS FALAR SOBRE
GÊNERO?

Por que não fugir do assunto
nas escolas

12 | 50 NÚMEROS DEPOIS

A história da BECOOL

16 | O GUIA DOS ÓCULOS
ESCUROS

M9 tipos pra você usar

20 | PASSE DO JEITO CERTO

Dicas para passar perfume

24 | ENTREVISTA

Kez Margrie

28 | ENSAIO

Emily Ratajkowski

40 | SEXO VIRTUAL FAZ BEM?

Saiba como funciona

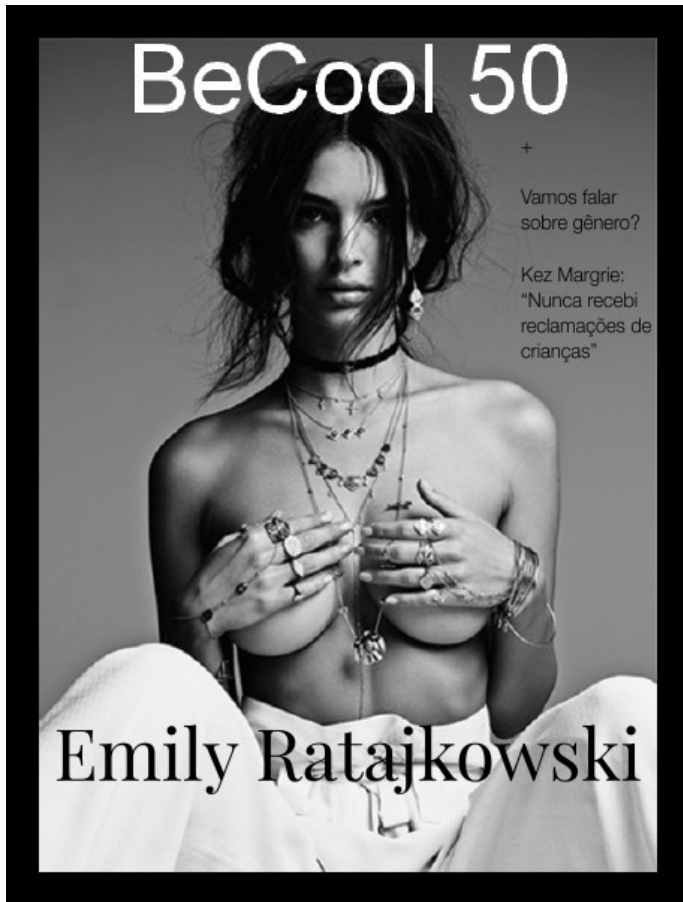


facebook.com/RevistaBecool

twitter.com/becoolmagazine

youtube.com/revistabecool

adngui@gmail.com



São 50 edições! Nem a gente achava que ia durar tanto tempo. Desculpa gente, tá tarde e a gente precisa terminar isso logo, mas olha só o que tem na edição 50 e você não pode perder de jeito nenhum:

Ensaio com Emily Ratajkowski (dispensa apresentações), entrevista com Kez Margrie, diretora da CBBC que fala sobre série com transgênero, mais questão de gênero e porque discutir na escola, entre outras coisas mais.

Boa leitura e sigam nas redes sociais.

- Você retweetou
André Graziano @andregraziano · 2 h
 Hj é 11/11 se vc escrever ao contrário tb é 11/11 às 11h11 será 11h11 de 11/11 isso não significa nada
- Você retweetou
Bruno @_BrunoHoffmann · 8 h
 "AIN BRUNO COMO VC É REPETITIVO"
 Eu poderia dar uma resposta espirituosa mas só digo: dscplp
- Você retweetou
snap: paulavilhena @pavilhena · 10 de nov
 em meio a esse caos mundial devo dizer: algumas pessoas engordam na bunda e outras na barriga. eu sou a segunda.
- Você retweetou
Snap/Insta:harpías @harpías · 9 de nov
 chega no ouvido da gata e fala:
 Sabia que os simpsons também previu que a gente ia se beijar?
- Você retweetou
lucas @LwithP · 7 de nov
 mãe: como anda a faculdade?
 eu: bem
 narrador: a faculdade não ia bem
- Você retweetou
Daniel Furlan @DanielSFurlan · 9 de nov
 Quando Trump saiu candidato pensei "assustador mas nunca vai ter sucesso. Foi a mesma coisa que pensei quando saiu o 1º clipe do Detonautas.
- Você retweetou
Jesus me abana @Julieta100Romeo · 7 de nov
 Todas minhas amigas colocando silicone no peito, pelo visto a crise não chegou na área da cirurgia plastica
- Você retweetou
Henrique Moura @rickbn · 7 de nov
 Ficou boa demais a cena da orgia de sense 8. Estão todos de parabéns
- Você retweetou
Henrique M. @HMartins · 6 de nov
 vem aí a maior superlua dos últimos 4 dias
 todo dia tem essa porra de superlua
 daqui a pouco o fenômeno vai ser a lua normal

Mulheres Que Amamos

KRISTEN BELL

Kristen é famosa por participar de séries de sucesso, como *Veronica Mars*, *Heroes* e *Gossip Girl*. Com ascendência polonesa, a jovem atriz descobriu seu talento ao participar de uma peça de teatro em sua escola, onde encarnou Dorothy Gale, de *O Mágico de Oz*.

Foi em 1998 que Kristen debutou no cinema, participando do filme *Casamento Polonês*. Após se graduar em teatro musical, Kristen ainda tentou entrar para o seriado *Smallville*, em 2001, no papel de Chloe Sullivan, mas não passou no teste. Em 2004, protagonizou o filme *Veronica Mars*, em que começou a se destacar. Nos anos seguintes, ela ainda participou de *Gossip Girl* e *Heroes*. Seu trabalho mais recente foi a comédia *A Chafa*.

Set List

PRA ENGOLIR A DERROTA

Aproveitando que a grande maioria dos leitores provavelmente torceu contra o Trump na eleição dos EUA, decidimos retomar este tema de Setlist. Sim, nós o abordamos no começo do ano, mas convém não apenas relembrar o tema, como também atualizar a lista de músicas. Esperamos que elas sirvam não só para você mostrar o quão triste está com a derrota, mas também para lembrá-lo de que nem tudo está perdido (pelo menos não ainda).



5. REM — EVERYBODY HURTS

Considerada a música mais triste da história, “Everybody Hurts” é um coringa do fracasso. Você pode usar numa eleição, no ENEM, onde quer que as coisas tenham dado errado de forma incrivelmente triste. Porque todo mundo se machuca em algum momento.



4. EMICIDA — LEVANTA E ANDA (PART. RAEAL DA RIMA)

Porque não dá só pra gente ficar conformado com a derrota, a gente precisa fazer alguma coisa. Você é o único representante do seu sonho na face da terra. Então corre, chapa!



1. QUALQUER UMA DO ULTRAJE A RIGOR

Não é um governo reaçã? Pede uma banda “reaça” também. E “Agora é Tarde” pode ser ótima pra você. Primeiro lugar pros inúteis.

6 BECOOL



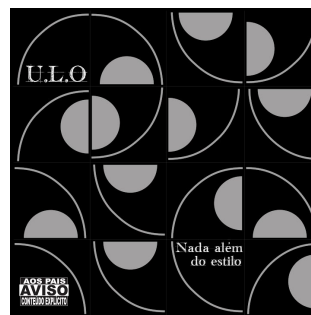
4. TAYLOR SWIFT — OUT OF THE WOODS

A cota Taylor Swift de hoje é pra gente não esquecer de se perguntar se já estamos fora de perigo. É sobre o medo que você deve estar a sentir. Dane-se que as fãzinhas não gostam muito.



2. SHAKIRA — TRY EVERYTHING

E já que não é pra ficar parado, tente de tudo. É o melhor conselho que Shakira poderia te dar neste momento difícil. E nada melhor do que aconselhar numa trilha sonora de desenho. Queira tentar tudo, a não ser que seja tentar tirar essa maldita música da cabeça. Medalha de prata.



NÃO DEIXE DE OUVIR: NADA ALÉM DO ESTILO

Novo disco do ULO mostra a evolução do grupo. Aposta nos instrumentais boom bap, sem deixar de lado o rap e a mensagem. Disponível no YouTube.

Roteiro SP



FILME: A CHEGADA

Quando seres interplanetários deixam marcas na Terra, a Dra. Louise Banks (Amy Adams), uma linguista especialista no assunto, é procurada por militares para traduzir os sinais e desvendar se os alienígenas representam uma ameaça ou não. No entanto, a resposta para todas as perguntas e mistérios pode ameaçar a vida de Louise e a existência de toda a humanidade.



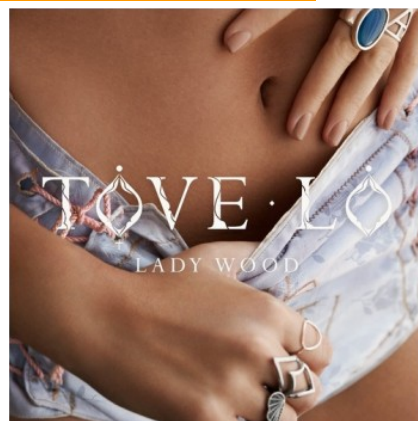
LIVRO: QUEM MATOU ROLAND BARTHES?

(Companhia das Letras, 416 páginas, R\$ 60) E se o atropelamento que matou o crítico e semiólogo francês Roland Barthes não tivesse sido um acidente, mas sim um crime? E se o autor de Fragmentos de um discurso amoroso tivesse sido vítima de uma conspiração por estar de posse de um manuscrito contendo a sétima função da linguagem, última parte da teoria do linguista Roman Jakobson nunca revelada, capaz de convencer qualquer um de qualquer coisa? Nos meios intelectuais e políticos da Paris de então, em que transitam personagens como Foucault, Derrida, Deleuze, Althusser e Guattari, qualquer um pode ser o culpado...



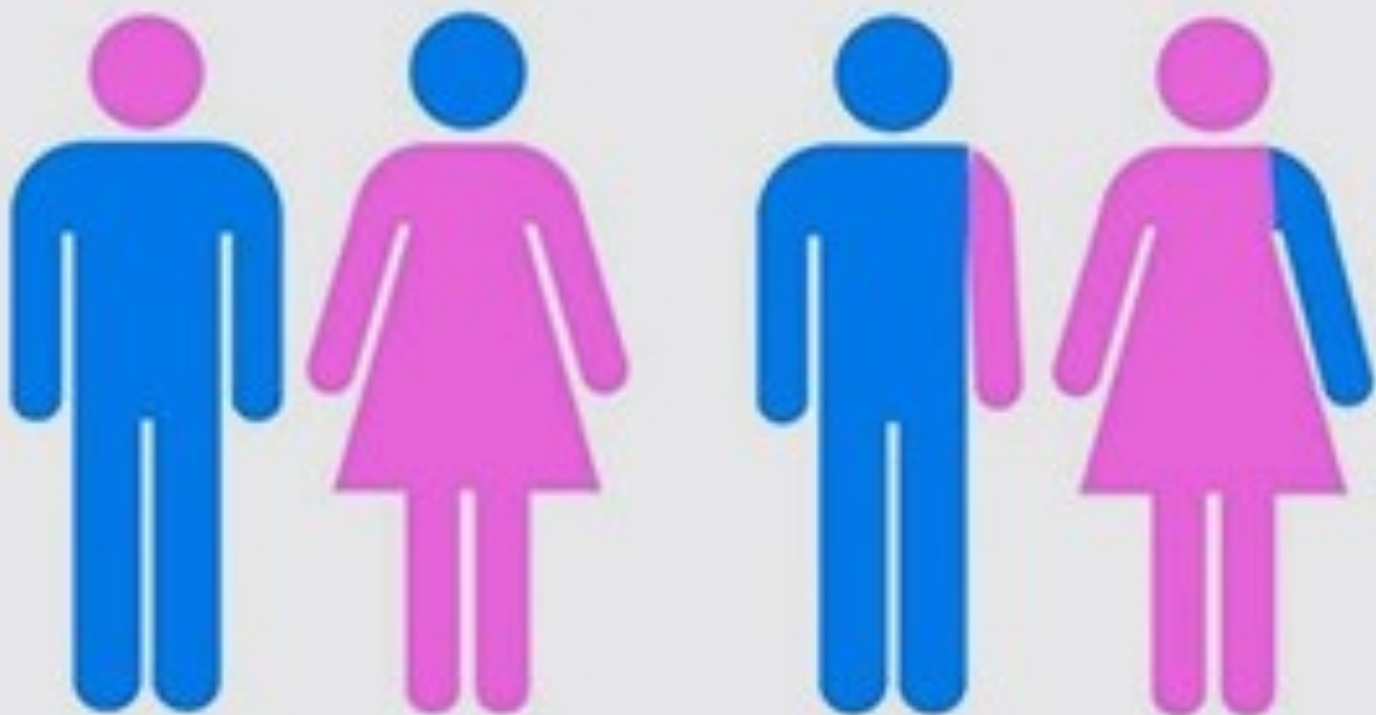
SHOW: GUILHERME ARANTES

O cantor faz o show de lançamento de sua caixa de CDs "Guilherme Arantes 40 anos - De 1976 a 2016", que contém reedição de 21 álbuns do acervo de sete gravadoras e CD com 17 fonograma avulsos da obra do artista. No espetáculo, Guilherme Arantes canta e toca teclados, acompanhado de Luiz Sérgio Carlini (guitarra, violões e lap steel guitar), Gabriel Martini (bateria, cajon e percussões), Willy Verdaguer (baixo), Alexandre Blanc (guitarras e violões), Marietta Vital e Luciana Oliveira (vocaes). Dia 12, às 22h no Tom Brasil: Rua Bragança Paulista, 1281, Sul 04727-000. Telefone (11) 4003-1212. Ingresso: R\$ 100 a R\$ 200



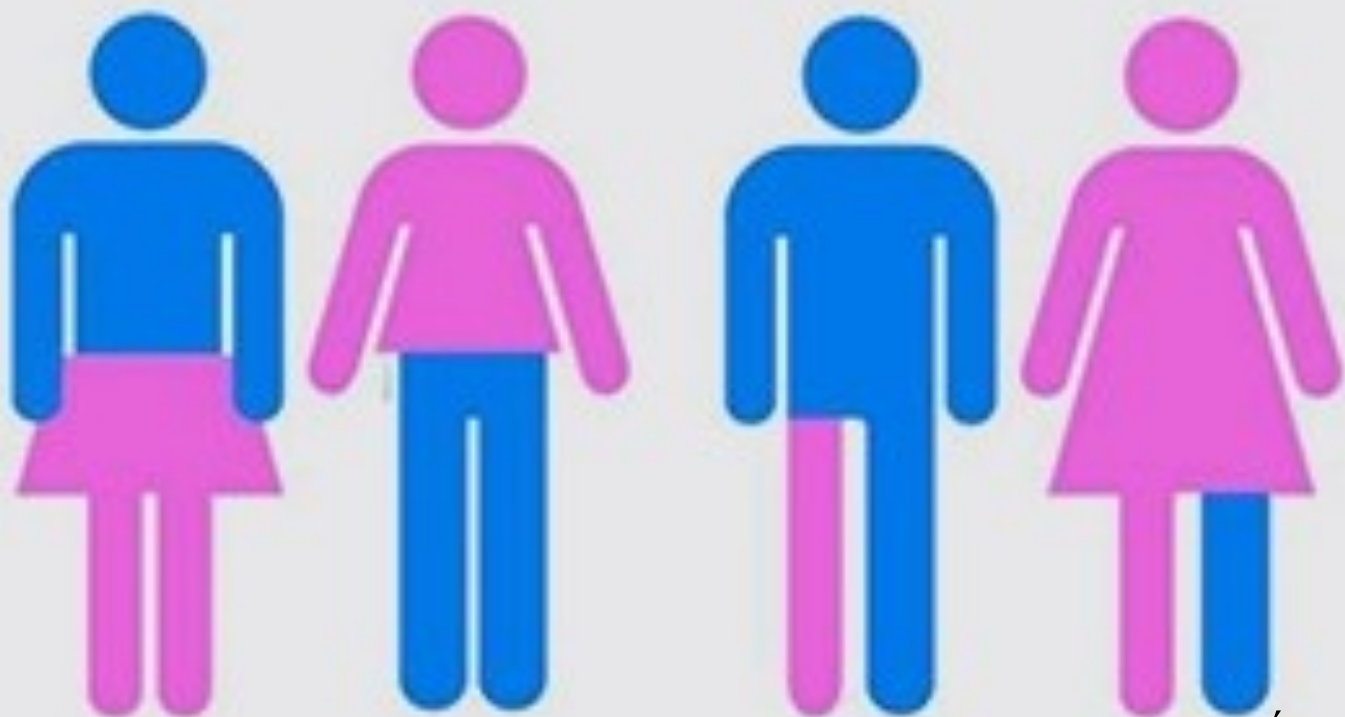
CD: LADY WOOD

(Universal, R\$ 28) A superestrela sueca Tove Lo volta com seu segundo álbum 'Ladywood'. O álbum de estreia da artista, "Queen of the clouds" vendeu quase 2 milhões de unidades ajustadas ao redor do mundo, foi top 3 na lista da Billboard Hot 100 e teve mais de 800 milhões de streams no Spotify. "Cool Girl" o primeiro single do álbum foi considerada uma das músicas mais quentes do verão Europeu e Americano. O primeiro single já está subindo para o topo das paradas ao redor do mundo todo.



VAMOS FALAR SOBRE

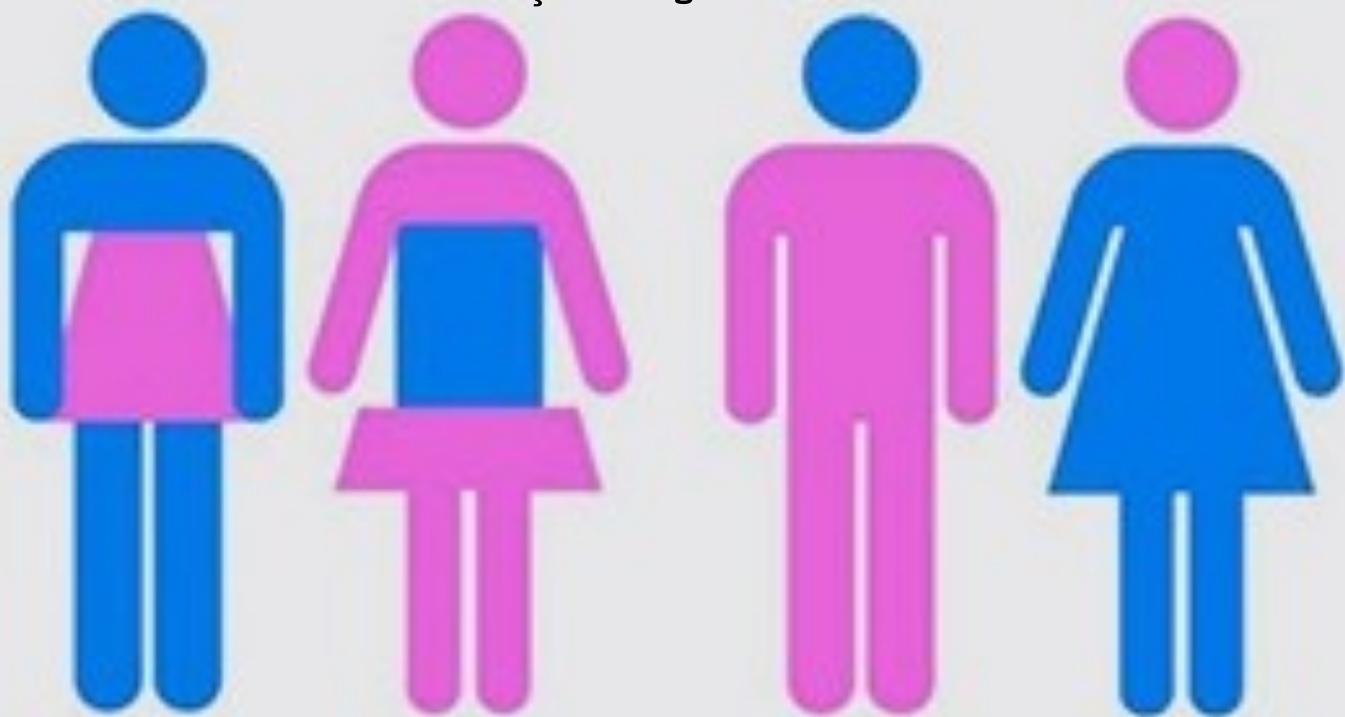




GÊNERO?

Para muitos, gênero, PT e comunismo são a mesma coisa. É evidente que não são. Mas sem listar as diferenças, como começar a dialogar?

Por JOANNA BURGO





Está ficando cada vez mais difícil falar sobre gênero

sem que o debate descaíja para a polarização política. Nesta semana mesmo foi divulgada uma gravação (autorizada) de um professor do curso de Direito da Universidade Federal de Rondônia (UNIR), na qual ele afirma que “esse negócio de gênero é PT, meu bem, é PT quem inventou isso”.

Gênero é um conceito relativamente novo no discurso popular, mas estudos sobre o tema existem desde pelo menos a década de 1950 – e, sinto informar, não surgiram no Brasil, muito menos por iniciativa do PT.

A existência de demandas por políticas públicas referentes a questões de gênero independe de quem está no poder. É assombroso que um docente de um curso de tamanha influência social profira uma barbaridade como essa. Mas ele não está só: a palavra gênero anda cerceada por obscurantismo e discursos de repressão.

A confusão toma tons tragicômicos, como no caso do candidato à prefeitura de São Bernardo do Campo, que acusou seu oponente (um tucano!) de estar ligado a “comunistas que querem a ideologia de gênero nas escolas”. O pastiche aumenta: o candidato que fez a acusação é membro de um partido de origem socialista.

É difícil falar sobre gênero quando a conversa é interrompida por uma falta de clareza acerca de outros conceitos políticos, o

que tende a estimular simplificações selvagens e a aglutinação acrítica de signos distintos sob um mesmo significado.

E se são cômicos por serem mal informados, esses reducionismos acabam por ser realmente trágicos: quando significados ficam fixos, dialogar com quem deles não abre mão torna-se uma missão impossível.

Para muita gente gênero, esquerda, PT e comunismo são tudo a mesma coisa. É evidente que não são, tanto que chega a parecer redundante listar as diferenças. Mas sem fazer isso, como sequer começar a dialogar com quem não está disposto a assimilar que “querer ideologia de gênero na escola” é uma frase inteiramente falaciosa?

A parcela da população que se propõe a estimular a inserção de conhecimento sobre gênero nas escolas também não quer ideologia de gênero nas escolas.

O propósito de discutir gênero nas escolas é justamente para que não haja imposição ideológica, na escola, acerca de gênero. Discutir gênero na escola, bem como no trabalho, em Hollywood, na família, no mundo dos negócios, na História, enfim, em geral, é discutir as formas com que gênero pauta nossas vidas sociais.

Gênero é um elemento importante para o nosso entendimento acerca de nós mesmos e dos outros, por isso discutir gênero não deveria ser algo amedrontador. Visto que existimos em um sistema codificado por gênero, é de interesse geral que se compreenda esta faceta da existência humana.

Não falar sobre gênero não impede a existência de questões de gênero na sociedade. É impedir que se fale sobre gênero o que nega, apaga ou camufla a existência de questões de gênero na



50 números depois



BeCool

BeCool 50

A black and white photograph of Emily Ratajkowski. She is looking directly at the camera with a neutral expression. Her dark hair is styled in loose waves. She is wearing a black choker, several necklaces with various pendants, and multiple rings on her fingers. Her hands are positioned near her chest. She is wearing a white garment that is partially visible at the bottom of the frame.

+

Vamos falar
sobre gênero?

Kez Margrie:
"Nunca recebi
reclamações de
crianças"

Emily Ratajkowski

Pra quem vivia de zeen.com até que a gente chegou longe. Mês passado fizemos quatro anos, um marco que poucas publicações surgidas depois de 2010 conseguiram alcançar. Mas o nº 50 é ainda mais especial.

Faz 50 meses desde que a revista começou a “circular” (revista digital não circula). E de lá pra cá, muita coisa aconteceu. Saímos do gueto total, entramos de vez no mundo. A zeen.com faliu, o Issuu passou a abrigar as edições da revista. Batemos alguns recordes, ficamos na média em algumas outras ocasiões. Sofremos censura por conta da nudez. Fomos confundidos com espanhóis. E estamos aqui.

E pensar que tudo começou como uma brincadeira. Uma que deu errado, aliás. Ninguém queria revolucionar a mídia, ou mesmo inventar um emprego. O problema é que a MyMag, plataforma de criação de revistas digitais customizadas, começou a ir pelos ares em agosto de 2012. O site fechava o navegador do nada, como se fosse vírus.

Tempos depois, o problema seria solucionado, mas o medo trouxe a necessidade de se encontrar um substituto à altura. A Zeen, lançada pelos mesmos criadores do YouTube, permitia lançar qualquer artigo na Internet como se fosse uma matéria de revista otimizada para tablets. A ideia parecia excelente.

Foi na Zeen que, no mesmo agosto de 2012, nasceu a NewMag, referência direta à MyMag. Dois meses depois, o que seria o nº 2 da NewMag virou o nº 1 da BECOOL, porque o novo nome representaria melhor os ideais da revista.

Ao longo dos anos, a revista foi definindo sua

cara. Criou uma conta no Twitter e, desde então, fez muitos amigos, uns poucos inimigos (a maioria katycats) e arrumou espaço pra crescer, não em audiência, mas em prestígio.

Quebramos paradigmas (a capa da edição 49 é trans, nenhuma outra revista fez isso em edição regular), abordamos assuntos complexos, nos divertimos muito com bobagens, declaramos que peitos não são partes íntimas e perdemos o pudor em mostrá-los. Fizemos, enfim, muitas coisas doidas e geniais ao longo de 50 meses.

50 meses que mais parecem 10 anos, tanta coisa que a gente testemunhou. Às vezes bate o cansaço, mas a gente não tá nem na metade do caminho que deseja percorrer. Continuaremos a fazer esta revista baseada no tripé do bom estilo: requintado sem ser quadrado, humorado sem ser escrachado, inteligente sem ser arrogante. Quem sabe o que o futuro nos espera? O BuzzFeed virou empresa jornalística depois de cinco anos de atividade e hoje vale em torno de um bilhão de dólares. Quem sabe a nossa hora não chega?

Todo mundo aqui espera que chega. E até esse dia — e mesmo depois —, nós continuaremos firmes na nossa missão de levar reflexão e entretenimento para um público que cansou de sites de listas, blogs políticos sensacionalistas, imitações da Kéfera e outras pragas que se disseminam na Internet.


Muito obrigado a todos que ficaram com a gente nesses 50 meses. Que venham outros 50 e que neles a gente possa ser ainda maior, nós e vocês. Quem sabe a gente não chega ainda mais longe do que a zeen.com permitiria?

As 5 melhores capas

(segundo nós mesmos)





A person wearing a brown jacket is seen from the side, looking out of a window. The view outside shows a city street with a bridge in the background. The text is overlaid on the image.

O GUIA DOS ÓCULOS ESCUROS

9 tipos diferentes de óculos escuros pra você usar.

Por PEDRO NOGUEIRA

E aí, senhores, tudo bom? O nosso tema de hoje são os óculos escuros. Algum tempo atrás, foram reveladas razões científicas pelas quais eles nos deixam mais atraentes. Ou seja, é um acessório indispensável para todo homem, especialmente nos meses ensolarados, para deixar os nossos olhos mais confortáveis. Mas qual modelo escolher? Para ajudá-lo na decisão, fizemos um guia de estilo dos óculos de sol, com os 9 principais tipos do mercado. Confira a seguir e use sem moderação:

ÓCULOS ESCUROS



WAYFARER

Desde que o Wayfarer foi criado pela Ray-Ban, em 1952, ele se tornou o modelo mais popular do mundo, sendo usado por presidentes, artistas e milhões de pessoas por todo canto. Pela sua versatilidade, ele nunca sai da moda. Tanto que deixou de ser um modelo da Ray-Ban para virar um gênero da indústria, caracterizado pela armação levemente curvada e design clean. Combina com qualquer look e ocasião.[wayfarer](http://wayfarer.com)

REDONDO (ou ROUND FRAME)

Quando pensamos num óculos redondos (ou round frame) a primeira imagem que nos vem à memória é John Lennon. Mas não se engane. Esse modelo vintage teve um revival nos últimos anos, com várias opções diferentes de armação e lente. Se você gosta de ousar, pode apostar nele.

AVIADOR

O óculos aviador dispensa apresentações. Ele foi criado pela Ray-Ban em 1937 para proteger os olhos dos pilotos durante os voos. Daí o seu nome. Mas o sucesso foi tamanho que acabou deixando o nicho da aviação para se popularizar no mundo inteiro. Sua característica é a lente grande, para proteger a entrada do sol por qualquer ângulo, em geral com uma armação fina de metal.

QUADRADO (ou D-FRAME)

Aqui no Brasil as pessoas chamam de “quadrado” ou “retangular”, por causa de suas linhas e ângulos bem retos. Em inglês as pessoas falam em D-Frame, porque a armação da lente lembra uma letra “D” deitada. Os modelos costumam ser grandes e mais chamativos.

CLUBMASTER (OU BROWLINE)

Sim, mais um modelo popularizado pela Ray-Ban em nossa lista. Nos anos 1950 esse estilo de óculos foi bastante usado sob o nome de Browline, a “linha da sobrancelha”, porque o topo é grosso enquanto o aro em torno da lente é fino. Mais para frente, a Ray-Ban lançou seu ClubMaster com essas características e o negócio pegou. Ele traz um balanço retrô e descolado super em alta.

MÁSCARA (ou WRAP-AROUND)

Se você faz o tipo esportivo, que vai trabalhar de bike todo dia e não perde a chance de correr no parque aos fins-de-semana, os óculos Wrap-Around (ou máscara) são indispensáveis, pois eles têm um formato de armação que “abraça” o seu rosto, diminuindo a chance de cair e protegendo seus olhos com mais eficiência dos raios solares.



**É um acessório
indispensável para
todo homem.**

LENTE ÚNICA (ou SHIELD)

O modelo Shield (ou lente única) não é dos mais populares hoje em dia. Mas não poderíamos deixar de citá-lo, pois sabemos que a moda é cíclica, então vai saber se ele não tem um revival nos próximos tempos? Seu nome já diz tudo: sua armação é bem discreta, com destaque para a lente única que vai de um lado ao outro.

PONTE FECHADURA (ou PERSOL)

Esse estilo particular de óculos, que algumas pessoas chamam de Ponte Fechadura, foi criado pela Persol em 1957 e virou um símbolo internacional no rosto de Steve McQueen. O seu detalhe diferencial? A ponte, aquela área central que conecta as duas lentes e fica apoiada no nariz, tem um desenho que lembra o buraco de uma fechadura. Esse modelo é um clássico atemporal, então você pode usar sem medo.

CAÇADOR (ou TOP BAR)

Finalizando o nosso guia temos o óculos Caçador, que também atende pelo nome de Top Bar. Ele às vezes lembra o avião, mas traz uma barra superior no armação, o que cria um efeito bem interessante. ■





UM RARO PRÊMIO AO MÉRITO

A contratação, pela CBF, de Emily Lima para dirigir a seleção feminina é uma decisão acertada — e rara.

Por BRUNO BONSANTI



MÉRITO



**Ela já mostrou
que tem
capacidade para
a função. O
incrível é a CBF
reconhecer isso.**

Foram duas decisões inexplicáveis envolvendo Vadão. A primeira foi da CBF, especialista no assunto, que manteve o treinador no seu emprego mesmo depois dos Jogos Olímpicos, nos quais a seleção feminina chegou até às semifinais na base das individualidades, com pouco jogo coletivo e quase nenhum padrão tático. A entidade brasileira pelo menos corrigiu o seu erro, o que é mais do que se pode dizer da Fifa: no dia em que Vadão aparece entre os 10 finalistas do prêmio de melhor técnico de futebol feminino da temporada, a CBF anunciou a sua demissão e se saiu com uma rara e acertada novidade. Emily Lima, ex-treinadora do São José Esporte Clube, assumirá a equipe de Marta e companhia.

Emily Lima começou a sua carreira de treinadora em 2010 e teve passagens pelos times femininos de Portuguesa e Juventus antes de assumir as seleções sub-15 e sub-17 do Brasil, em 2013. Uma experiência com categorias de base que será essencial em um time que faria muito bem em se renovar: o elenco da Olimpíada do Rio de Janeiro tinha média de idade de 27,4 anos, com apenas três jogadoras abaixo dos 25 anos (Andressinha, Andressa Alves e Beatriz). Estarão três outonos mais velhas na próxima Copa do Mundo, em 2019.

Depois da sua primeira passagem pela CBF, que já lhe tornou pioneira como a primeira mulher a comandar uma seleção brasileira de qualquer gênero ou categoria, Lima assumiu o comando do São José Esporte Clube, tricampeão da Libertadores e, naquela época, janeiro de 2015, atual campeão mundial – em um torneio extraoficial. Em duas temporadas, levantou a taça do Campeonato Paulista, foi vice-campeã brasileira e da Copa do Brasil Feminina. Recentemente, completou o curso da CBF para tirar a Licença B, focada em categorias de base, no qual foi a única mulher da turma.

Ela já mostrou que tem currículo, experiência e capacidade para a função. O incrível é a CBF reconhecer isso. As suas decisões, especialmente para cargos que não são o de técnico da seleção brasileira de futebol masculino, costumam levar mais em conta o lado político do que meritocrático. Diretores e coordenadores (o nome do cargo muda a cada alguns anos) vêm e vão de acordo com a afinidade com o treinador (alô, Gilmar Rinaldi) ou com a proximidade em relação à CBF (alô, Parreira). O coordenador de futebol feminino era Marco Aurélio Cunha. O secretário-geral é Walter Feldman.

E mesmo o técnico da seleção masculina de futebol nem sempre é escolhido com base apenas em seus méritos. Também há toda a conjuntura do momento. Felipão foi chamado para aguentar a pressão de uma Copa do Mundo em casa por ter sido o último campeão do mundo pelo Brasil. Dunga e seu jeito turrão fo-



ram os escudos escolhidos depois do 7 a 1. Às vezes, a CBF dá sorte de juntar a competência com a política: Tite era evidentemente o brasileiro mais bem preparado para ser técnico da Seleção e sua escolha aplacaria críticas da imprensa que, em massa, defendia-o para o cargo e criticava seu hoje antecessor. Emily Lima parece ser um caso parecido. Ela não só apenas é mais capacitada para o cargo do que Vadão como também dialoga com a reivindicação de longa data de ver uma mulher no comando do time feminino. Sim, será a primeira vez na história.

Porque mesmo dentro do futebol feminino o espaço para as mulheres em cargos de comando é reduzido. Entre 32 clubes, apenas seis mulheres seguraram a prancheta durante a Copa do Brasil Feminina, competição que nunca foi vencida por uma técnica. A Copa do Mundo do Canadá teve 24 seleções e apenas sete técnicas. A Olimpíada do Rio de Janeiro foi disputada por 12 times, apenas quatro treinados por mulheres.

“Vamos falar na Copa do Brasil. São 32 equipes, mas a gente não tem 32 treinadoras para estar à frente dos times. Não por capacidade, mas simplesmente porque não tem”, afirmou Emily Lima, em entrevista à Trivela, publicada semana passada. Segundo ela, há uma mistura de desinteresse das jogadoras de futebol, porque “difícilmente você sobrevive só com o futebol feminino, mesmo sendo treinadora”, e falta de estrutura oferecida pela CBF e federações para tornar a profissão de técnica atraente no Brasil. “É cultural, é ir ganhando espaço”, explica. “Com o tempo a gente vai se desenvolvendo melhor, mostrando a cada dia que somos capazes. Porque, senão, ela não serve por ser mulher. Quando olham que a gente tem capacidade para fazer aquela função, acabam acreditando. O homem não precisa provar que é capaz, mas a gente precisa provar a cada dia que nós somos capazes de estar nesta função”.

No mesmo papo, Emily Lima falou sobre algumas ideias para o futebol feminino. Ela não acha ruim a seleção permanente da

CBF, mas a maneira como esse projeto foi conduzido. “Eu achei o planejamento ruim”, disse. “Não é que a seleção permanente não possa acrescentar ou tirar atletas. Você tem uma base. É como se fosse um clube. Com essa base você vai trabalhar e vai prepará-la à competição. O que foi feito? Eu ouvia do nosso coordenador, o Marco Aurélio, que a seleção era permanente, as atletas não. Então não é permanente. O que eu conheço como permanente, como a seleção americana faz e o professor Renê (Simões, ex-técnico da seleção feminina) fez, é manter o máximo de atletas que estarão na competição. Para que todo mundo chegue igual fisicamente, taticamente, tecnicamente. Nesta última seleção, foi o contrário. A maior parte do grupo que jogou as Olimpíadas estava fora do país”.

Com foco nas categorias de base, ela afirmou que seria ideal que todas as categorias do futebol feminino fossem trabalhadas dentro do mesmo modelo, nas partes física, técnica e tática. Também disse que, ao fim de um ciclo olímpico, é a hora de já pensar no próximo. “Acabou em agosto, temos que pensar em renovação, no que vai acontecer, acompanhar o Mundial Sub-20”, explica. “Eu tenho que, no amistoso seguinte, como foi contra a França (no último mês de setembro), preciso das atletas do meu próximo ciclo. Será que a Formiga vai estar na próxima Olimpíada? Eu acho que não. É trocar, renovar. Por isso que a gente não consegue renovar, porque fica na mesmice e não tem peito de arriscar. Na própria Copa do Brasil e no Brasileiro, existem muitas atletas que podem ser trabalhadas na seleção. Não é uma crítica, mas é uma maneira que eu vejo, que eu sempre vi”.

Passou da hora de a seleção brasileira feminina ter uma mulher no comando. Uma mulher preparada que entenda profundamente as dificuldades desse esporte porque já passou por todas elas. Alguém que tenha vivência para lidar com os obstáculos e que possa servir de exemplo para jogadoras de futebol próximas do fim da carreira que sonham em seguir a vida nessa profissão. ■



ENTREVISTA

‘Nunca recebi reclamação de crianças’

Produtora da CBBC, canal infantil público inglês, Kez Margrie fala sobre a opção de veicular um documentário sobre a vida de um menino transgênero.

Por TORY OLIVEIRA

“O

meu nome é Leo e quero mostrar que a minha vida não é diferente da sua”, diz para a câmera um rapazinho loiro. Protagonista do episódio “I’m Leo”, parte da série documental My Life, Leo tem 14 anos e vive na Inglaterra com sua mãe e irmã. Como outros meninos da sua idade, gosta de praticar esportes e jogar videogame com seu melhor amigo.

No entanto, existe algo sobre Leo que o diferencia da maioria dos adolescentes. “Embora as pessoas me enxergassem como uma menina, eu sempre me senti um menino”, explica o garoto, que inicia com delicadeza o tema de ser uma pessoa transgênero, isto é, que não se identifica com o sexo biológico com o qual nasceu.

O episódio de 20 minutos, veiculado no canal infantil público inglês CBBC, apresenta cenas do cotidiano do garoto, antes chamado de Lily, em sua busca por aceitação. “Eles não me deixavam ser quem eu era e me sentia muito sozinho, já que ninguém mais sentia o que eu estava sentindo”, conta sobre a escola. A conquista do uso do nome social e do entendimento da escola e dos amigos, conta a mãe, mudou a vida de Leo para sempre.

Produzida em formato de documentário, a série My Life tem como objetivo apresentar histórias de crianças comuns com vidas extraordinárias no Reino Unido. Assim como no Brasil, o tema é cercado por desentendimentos e polêmicas, e a série recebeu críticas dos espectadores antes mesmo de sua estreia. “As pessoas discordam e têm esse direito, mas digo que eu nunca recebi uma reclamação de uma criança nesse sentido”, conta a produtora-executiva da CBBC, ligada ao canal BCC, Kez Margrie. Margrie esteve no Brasil no fim de setembro por ocasião do encontro ComKids – Não Ficção, que discutiu a produção audiovisual de não ficção para o público infantojuvenil.

Trabalhando com conteúdos dirigidos para crianças desde 1999, Kez é também responsável pela My Life, premiada com o Bafta e o Prix Jeunesse Internacional.





Por que a CBBC, canal infantil público ligado à BBC na Inglaterra, decidiu levar ao ar "I'm Leo" (Eu Sou Leo) um episódio do documentário My Life (Minha Vida) focado na vida de um menino transgênero? Qual é a importância de discutir esse assunto com o público infantil?

Kez Margrie: Eu estava tentando buscar a fórmula mágica para esse programa. Não acho que exista uma, mas escolhemos as histórias (cada episódio documental é focado na vida de uma criança) sempre a partir de produtores independentes. O motivo é que é importante que as pessoas que estarão produzindo as histórias conheçam a criança (que será protagonista). O mais importante para mim é que a criança se sinta confiante o suficiente para contar a própria história e que ela entenda o que acontecerá quando ela contar. Também é importante que a criança seja uma boa contadora de histórias.

Por que a escolha de trabalhar com produtores independentes?

Novos produtores chegam até nós o tempo todo e eu acho que é uma ótima oportunidade para aqueles que nunca emplacaram um programa na televisão.

Que outras coisas são levadas em conta?

A outra decisão real é se a história é relevante para o público que a assistirá. Assim, se alguém chega com uma história muito extrema, mas eu não consigo achar o ponto de contato com a audiência ou, no fim das contas, a criança não deseja ser amiga daquela personagem, essa não é a história certa para nós. Assim, todas essas coisas precisam se alinhar. Claro que levamos em consideração também quais histórias já foram contadas. Queremos apresentar muitas histórias de diferentes crianças, então, se é uma história incrível, mas que já foi contada, não repetiremos. Por

outro lado, sempre respondemos para as crianças que nos escrevem falando "eu sou como essa pessoa", mas não necessariamente repetimos a história. Respondemos para todas as crianças que nos escrevem, essa participação é importante para nós, sempre encorajamos as crianças a dizerem o que pensam.

Quem está mais aberto para novas ideias e novas abordagens, crianças ou adultos?

Eu estava dizendo antes que, quando colocamos assuntos mais controversos, recebemos reclamações de adultos que não sentem que as crianças estão prontas para ouvir essas histórias. No caso de I'm Leo, recebemos uma reclamação que dizia: "Chego no quarto, vejo meu filho assistindo isso e desligo, porque ele não deveria assistir esse tipo de tema". Os pais têm totalmente o direito de reclamar conosco, até porque muitas vezes a linha entre o que é apropriado e o que não, é muito tênue. Enfim, as pessoas discordam e têm esse direito, mas digo que eu nunca recebi uma reclamação de uma criança nesse sentido.

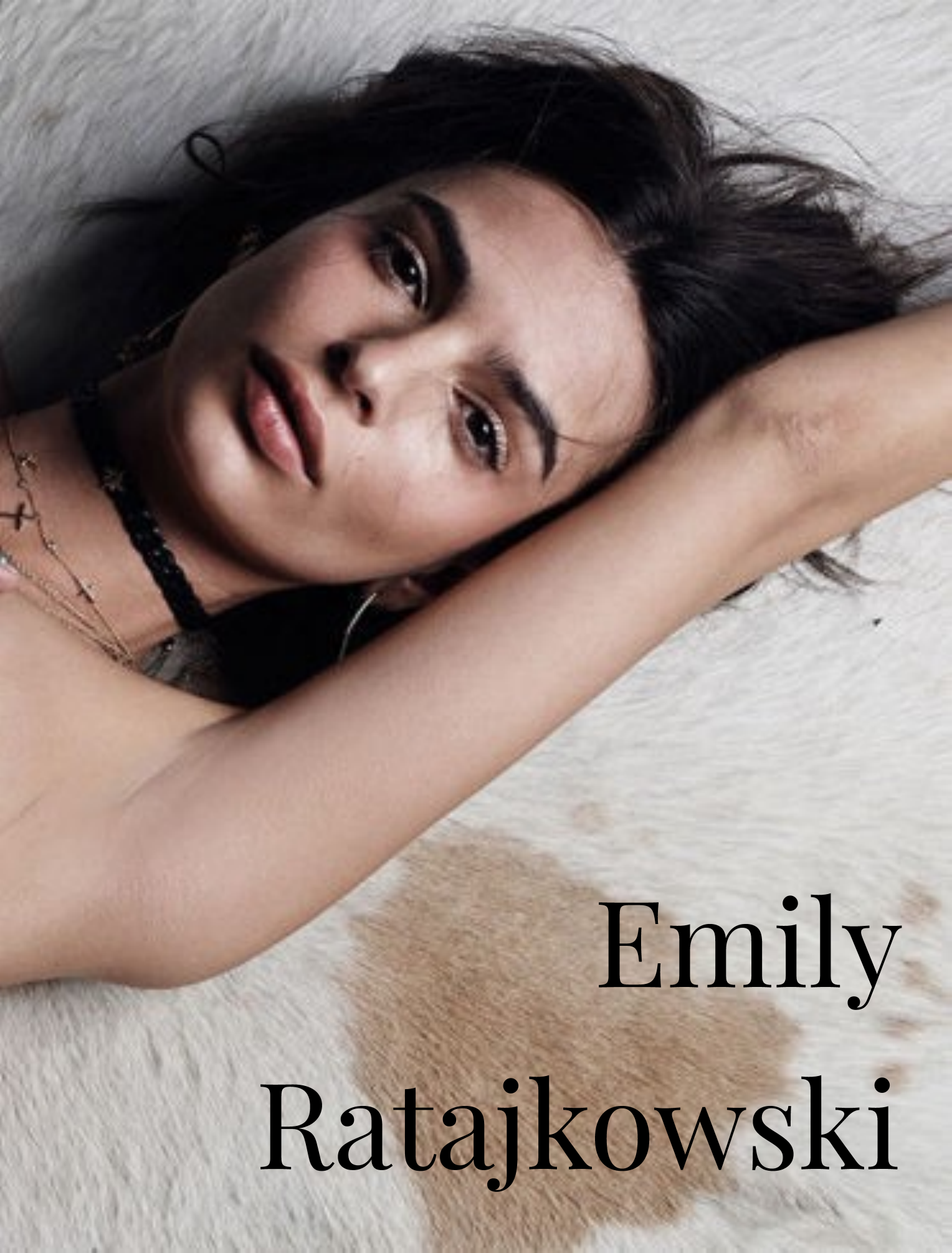
Você acredita que assistir a essas histórias reais pode ajudar a combater o bullying e a discriminação?

Não há dúvidas. As crianças contam para nós que estão vendo meninos e meninas reais, contando suas histórias e explicando como conseguiram superar as adversidades. Então, acho que isso é realmente empoderador para crianças que passam pela mesma situação. E não fazemos isso apenas na televisão com a série My Life. Também temos ótimas histórias na plataforma online, porque acredito que hoje em dia uma criança passando por uma situação difícil não pensaria: "Quero descobrir mais sobre o que significa passar por bullying, vou ligar a televisão". Eles googlam, procuram na internet para saber mais. ■



“O mais importante é que a criança se sinta confiante o suficiente a própria história”.





Emily

Ratajkowski





















Sexo virtual faz bem?

Saiba como funciona e como aproveitar com segurança. Sexólogo fala sobre regras, tipo de envolvimento, acessórios sexuais, masturbação e perfil dos sites e camgirls

Por WILLIAM AMORIM.





SEXO VIRTUAL



Photo: NP

C

om a modernidade e a tecnologia, as relações virtuais se intensificaram e o sexo virtual vem ganhando cada vez mais espaço. Se você procura prazer, mas não quer se envolver, essa opção pode ser bem interessante. Existem inúmeros sites com camgirls, mulheres que exigem o corpo na webcam para o usuário. Está curioso para saber como funciona essa relação? O sexólogo João Borzino dá detalhes sobre a prática.

As camgirls ficam em estúdios e nesses ambientes montam quartos e outros ambientes para realizarem shows em webcam. Essa tendência surgiu porque muitas mulheres se mostravam na webcam via Skype, mas tinham dificuldade de encontrar usuários e de receber o pagamento pela exibição. Ao perceber isso, empresários tiveram a ideia de criar um ambiente mais seguro para as garotas e para os usuários realizarem o sexo virtual.

Estabelecendo regras

O sexólogo explica que esse tipo de site possui regras e tudo acontece com um acordo entre a garota e o usuário. “Normalmente as camgirls não aceitam fazer coisas bizarras. O homem pode escolher se quer aparecer ou não na webcam, mas é comum ligarem a câmera e mostrar as partes genitais”, diz.

Envolvimento emocional

João alerta que ao entrar nesse tipo de site é importante não se

envolver emocionalmente, pois se trata de uma relação fictícia e as mulheres estão ali apenas para estimular o prazer. Porém, existem muitos usuários que acabam confundindo as coisas e passam a manter uma relação virtual constante com essas garotas.

“O que muita gente não imagina é que muitos dos atendimentos que são feitos no site envolvem conversa e companheirismo e não necessariamente a prática sexual”, afirma João.


Para aumentar a diversão, além de se exibirem na webcam, as garotas usam acessórios para estimular quem está assistindo. Segundo o sexólogo, é comum as camgirls terem vibradores, plugs anais e vaginais, consolos, pênis acoplado e outros tipos de brinquedos sexuais.

Masturbação

Na relação virtual, a masturbação é muito comum. O sexólogo afirma que isso é algo saudável, pois dessa forma a pessoa passa a se autoconhecer e descobre outra forma de prazer. “O homem só deve tomar cuidado para isso não tornar uma substituição do sexo e passar a ter prazer apenas dessa forma. O sexo virtual é algo mais esporádico e acontece para satisfazer algum fetiche que envolve a temática”, diz.

Perfis

João conta que são diversos os sites que oferecem sexo virtual e a maioria é estrangeira. Mas fique esperto que para usufruir desse momento de prazer é preciso pagar e em alguns sites o valor pode ser bem alto. ■



**Se você procura prazer,
mas não quer se
envolver, essa opção
pode ser interessante.**

Ah... O biquíni



Tinha eu dez anos de idade quando vi pela primeira vez, ao vivo, uma moça de biquíni, minha prima Maria Helena à beira da piscina do Hotel Cataguases. Nunca mais me esqueci. Era um biquíni cor de rosa com listras brancas e ela usava, além do biquíni, um chapéu de palha e óculos de gatinho.

Minha prima Maria Helena era carioca e também passava as férias em Cataguases, uma cidade da Zona da Mata mineira. Carioca e prafrentex, bem mais liberal que as mineiras que eu estava acostumado a ver usando maiôs à beira da piscina do Minas Tênis Clube, lá em Belo Horizonte.

Hoje fico pensando que todas essas modernidades chegavam primeiro no Rio de Janeiro, uma cidade bem mais ousada e maravilhosa que a minha. A mãe da Maria Helena, minha tia Celinha, por exemplo, fumava com piteira e tomava uísque, coisa que poucas mulheres faziam naquele mundo em que vivíamos. Só as mais ousadas lá na Suécia e, aqui no Brasil, as cariocas.

Minha tia Celinha não só fumava com piteira e tomava uísque, como tinha um personal trainer, numa época que ninguém nem

sabia o que era isso. Se chagássemos na casa dela, na Rua Pais-sandu, no Flamengo, bem cedo, ela demorava uma hora para aparecer na sala porque estava fazendo ginástica. Aquilo deixava minha mãe perplexa e de olhos arregalados.

Eu não podia ficar olhando muito pra Maria Helena ali à beira da piscina do Hotel Cataguases porque senão ficaria com cara de jeca tatu de Minas Gerais. Fingia que era normal uma moça de biquíni cor de rosa com listras brancas, ou melhor, um duas peças – como chamávamos – ali pertinho de mim.

Com o tempo, o biquíni acabou chegando a Belo Horizonte, ao Minas Tênis Clube, apesar dos protestos das senhoras da Tradicional Família Mineira, a TFM. Virou moda e acabou virando também hit nas rádios da cidade, que não paravam de tocar Cely Campelo.

Era um biquíni de bolinha amarelinha tão pequenininho/Mal cabia na Ana Maria/

Biquíni de bolinha amarelinha tão pequenininho/Que na palma da mão se escondia.

Eu ficava sonhando com essa tal de Ana Maria que sempre desconfiei ser a mesma da música do Juca Chaves, que também tocava nas rádios sem parar.

Na alameda da poesia/Chora rimas o luar/Madrugada e Ana Maria/Sonha sonhos cor do mar/Por quem sonha Ana Maria/

Nesta noite de luar?

Estou aqui hoje falando de biquíni porque, essa semana, cheguei em casa com um livro maravilhoso debaixo do braço chamado O biquíni made in Brazil, da Lilian Pacce, e minha filha se espantou.

- Pai, você vai ler um livro sobre biquíni?

Antes de dizer que eu me interessei pelo livro porque vi o biquíni chegar ao Brasil um dia, provocando escândalos, mostrei a ela a pilha de livros em cima da minha escrivaninha e que estou lendo.

Um livro de crônicas da Marina Moraes, um livro ensinando a fazer hortas caseiras de Dick e James Strawbridge, um livro de cartas escritas de Paris por Jack Kerouac, um livro ensinando a arrumar a casa, da Marie Kondo, um livro de poemas do Bob Dylan e Os Fatos, de Philip Roth.

O meu gosto sempre foi eclético e não poderia passar sem esse livro de 344 páginas, todo ilustrado e cheio de histórias sobre o biquíni.

Lilian Pacce faz uma deliciosa viagem no tempo. Encontrei no livro foto até da Micheline Bernardini usando biquíni estampadinho no Molitor, em Paris, no ano de 1946.

Encontrei também a vedete Carmem Verônica, que nem me lembrava mais dela, num sumário biquíni em pleno 1950, o ano em que nasci.

Encontrei a Jane Mansfield, a Maria Zilda, a Virgínia Lane, a Luz del Fuego, a Carmem Miranda, a Brigitte Bardot em Búzios e a Leila Diniz em Ipanema, gravidíssima e de biquíni.

O livro é a melhor pedida para esse verão que está apenas começando. Férias, sol, mar, cervejinha gelada, uma rede e o livro na mão, enquanto lá fora, olha que coisa mais linda mais cheia de graça é ela menina que vem e que passa.

O que fazem aqui?



-E aí? Qual o seu palpite?

- Acho que tem a ver com a nossa roupa.
- Pode ser. Olha só que espetáculo o figurino dos demais.
- Já deveríamos saber, quando vimos aquele senhor de Polo cor-de-rosa.
- E as mulheres, todas elas, hoje deram uma passada no salão.
- Sábado é o dia de se fazer isso.
- Repare bem. Alguns desses cabelos passam pelo salão mais vezes por semana que o carteiro.

- E essas roupas são bacanas, né?
- Tem quem goste. O mais admirável, todavia, é a atitude de se arrumar para ir a um restaurante.
- Faz sentido! É um programa. E o restaurante é fino, merece um traje à altura.
- Você já se perguntou por que os senhores amam essas jaquetas com zíper, elástico na cintura e na gola?
- É prática. Devem ganhar uma nova a cada aniversário.
- E essas mesas gigantes?
- Você viu no andar de cima?
- Mas não contei.
- Acho que eram 20 pessoas.
- Pegar o pedido dessa turma, só com um gravador.
- Talvez seja por isso que ainda não quiseram saber o que estamos fazendo aqui.
- A soma, eu acredito. Nossa roupa pouco caprichada e a demanda frequente que uma mesa de 20 gera.
- Isso sem falar nas outras muitas mesas com mais de duas pessoas.
- Imagino que entre os sete garçons que contei só neste salão...
- Que, diga-se, está longe de ser semelhante ao de uma churrascaria rodízio com palco para apresentações.
- Fato. Pois imagino que todos eles já devem ter comentado algo do tipo: será que aquele casal confundiu a gente com um food truck? Não, acho que eles estavam querendo conversar em um lugar barulhento e decidiram entrar.
- Bem, já nos trouxeram um guaraná. Talvez estejam considerando que não iremos muito além disso.
- Pois é, mas agora que já brincamos bastante, te confesso que estou começando a ficar profundamente irritado com o péssimo atendimento deste lugar. Não faz o menor sentido estarmos sentados há mais de dez minutos sem que nenhuma das sete pessoas com as quais inclusive esbarrei para chegar até a mesa, venha nos atender. Decidimos erguer as mãos, acenando como náufragos e fomos atendidos.

Os cardápios chegaram, mas ainda tivemos de repetir o gesto para fazer os pedidos e digo que a berinjela à parmegiana da entrada estava difícil de cortar, difícil de comer. E digo também que o ravióli com recheio alla matriciana eu deixei bem mais da metade no prato porque, para meu paladar, diria que não funcionou.

O sabor do clássico matriciana não é identificado. O outro prato foi um ravióli de búfala com pesto genovese. Um ravióli salgado, uma muçarela rígida e um monte de tomates. O pesto? Meia colher de café sobre cada ravióli. A conta veio rápida, assim como o esquecimento. O local é o restaurante Italy.

CHARGE



CHARGEONLINE.com.br - © Copyright do autor

BeCool

Editor e curador: Gui Adn

Redação: Mônica de Souza.

Fontes: CartaCapital, Jacquie Aiche, Paparazzo, El Hombre, iG, Adorocinema, Livraria da Folha e Guia da Semana.

MAIS
+

REVISTAS

BECool é uma publicação da Mais Revistas.

Contato apenas por e-mail: adngui@gmail.com

LEIA TAMBÉM



SIGA-NOS

twitter.com/becoolmagazine

facebook.com/RevistaBecool

youtube.com/revistabecool

